

UM VERSO, TODA A LUZ DO MUNDO

[335]

PRIMEIRA MÃO
ENSAIO

Carlos Mendes de
Souza

ca



FOI TÃO DURO ESTE INVERNO... E a *Poesia* de Eugénio de Andrade apareceu nas listas dos livros mais vendidos. Há mesmo uma pequena coluna no *Jornal de Letras* com o nome de *best-sellers* e, para espanto, pudemos ver lá a *Poesia* de Eugénio de Andrade ao lado de uns quantos romances que antecipadamente sabíamos que teriam esse lugar garantido.

É com grande alegria que acompanho o poeta nesta sua segunda vinda à Feira do Livro de Braga. Parece-me que não faz muito sentido apresentar um nome tão conhecido de todos os que o vêm escutar... Ainda assim gostaria de dizer duas ou três coisas sobre essa poesia que foi tão procurada neste inverno de chuvas e sombras inclementes. Como foi tão procurada (ou continuará porventura a sê-lo) por quem habita as prisões... E gostaria de centrar essas duas ou três coisas na claridade que emana dos versos que lemos na obra agora de novo reunida.

Ao retermos os poemas no belíssimo volume que lhes dá guarida somos levados a pensar na inteireza, no sentido de totalidade que o percurso do poeta deixa entrever pela via mesma da leitura do conjunto dos seus versos.

Existe uma ideia (dir-se-á mesmo um ideário) que o poeta persegue e que se prende com esse sentido da totalidade: o desejo de ser autor de um livro só, cujo modelo insuperável seria a *Clepsidra* de Camilo Pessanha. De certo modo esta edição de *Poesia* aproxima-se de uma concretização desse ideal.

O percurso do poeta pode tentar ser reconstituído, numa das suas faces exteriores, através da ordenação das referências que ele mesmo faz aos lugares da sua vida. Falo de espaços concretos. Podemos fazer um interessante exercício de leitura desses poemas que se reportam aos lugares. Experimentem lê-los sem os títulos. Os poemas lidos sem os nomes passam a ganhar outras significações. Quase nada se fica a saber das terras, dos lugares e das referências para que reenviam. O lastro cultural e a carga enciclopédica são embranquecidos. Assim, em vez cidade de Atenas no poema que a refere no título, lemos um simples encontro amoroso. Em vez de Mozart, achado no nome de Salzburgo, o ritornelo só, os estribilhos de uma música puríssima. No lugar de Kafka na praça de Malá Strana, em Praga, encontramos no poema o reverso absoluto dos palácios barrocos, apenas o nome da "luz incomparável da manhã":

*Gosto destes pombos, destas crianças.
A eternidade não pode ser senão assim:
pombos e crianças a fazerem
da luz incomparável da manhã
o lugar inocente do poema.*

As cidades ou as praças passam a ser quase só inscrições flutuantes. Sobre muitos desses lugares habituámo-nos a ler textos poéticos nas suas prosas ou nas antologias que organizou sobre as cidades (como foi o caso da antologia sobre o Porto há pouco reeditada em novo formato e o caso da antologia sobre Coimbra). Nos poemas, os lugares aparecem como que quintessenciados:

*Está desse lado do verão
onde manhã cedo
passam barcos, cercada pela cal.*

*Das dunas desertas tem a perfeição,
dos pombos o rumor,
da luz a difícil transparência
e o rigor.*

Este poema, que recebe o título “Cacela”, é o poema sobre a povoação algarvia, mas como se pode ver o que nele se diz sobre Cacela é aplicável à própria poesia de Eugénio de Andrade. O mesmo acontecendo com praticamente todos os outros que se reportam a terras, equiparadas ao lugar luminoso, à morada de cristal que se pretende que o poema seja.

O caminho que vai ter ao branco é vocação do ser errante que minimiza o peso. Caminho para a luz, para a terra magra figurada no deserto das dunas, esse deserto que pudesse ser contido no poema onde se cruzasse a paisagem grega com a alma oriental.

É interessante verificarmos como duas palavras que apareciam no poema sobre Cacela recorrem em muitos depoimentos do autor, em entrevistas ou, por exemplo, na prosa de algumas das suas poéticas. Refiro-me às palavras *transparência* e *rigor*. Eis o que poemas ler num desses depoimentos:

Rigor e transparência, o legado moral que recebi, e ao longo dos anos se foi apurando, dificilmente encontrava correspondência. Era fatal: a poesia seria o meu refúgio.

O rigor e a transparência, em suas dimensões ética e estética, associam-se ao sentido de uma inteireza por que sempre se tem batido Eugénio de Andrade. Todo o seu caminho – uma entrega absoluta à literatura e à poesia – procura ser o da voz do desejo contra a morte, contra todo o tipo de servidão.

Atente-se na inscrição (reproduzindo a letra do poeta) na abertura da *Fotobiografia*:

*A poesia, se não for o lugar onde o desejo ousa fitar a morte nos olhos,
é a mais fútil das ocupações*

Ou numa passagem de *Rosto Precário*:

Todos os meus versos são um apaixonado desejo de ver claro, mesmo nos labirintos da própria noite. O amor da transparência é a minha fraqueza, mas a minha força também.

Esta poesia – que fala da terra madura “onde os versos vão abrindo” ou da “terra inacabada”, “terra exausta” – esta poesia oscila entre o apego à rugosidade da matéria e a busca de elevação. O desejo de ser inteiro projecta-se numa idealidade que encontra a sua mais acabada expressão no lugar em que o próprio poema se faça equivaler à luz. Desejo de atingir uma linguagem tão transparente face ao mundo das coisas, de tal forma que o poema possa ser as próprias coisas.

Como uma divisa, lemos no poema “Na estrada de San Lorenzo del Escorial”, em *Escrita da Terra*:

[...]

*porque sou um homem que não abdica da luz,
que não abdica, que não
abdica.*

Queria aqui destacar um livro de 1956, *Até Amanhã*. Uma evidenciada face de nitidez e regularidade faz com que se possa falar de *Até Amanhã* como de um livro apolíneo e de um E de A diurno mais do que em qualquer outro lugar. Parte-se de uma negação da tristeza e da solidão (“A morte não existe: / tudo é canto ou chama”), para afirmar a exaltação da juventude e do amor, cuja metáfora mais representativa é justamente a luz que condensa a direcção exaltante.

Há neste livro um texto programático que proclama o lugar exorcizador da luz:

Frente a frente

*Nada podeis contra o amor.
Contra a cor da folhagem,
contra a carícia da espuma,
contra a luz, nada podeis.*

*Podeis dar-nos a morte,
a mais vil, isso podeis
– e é tão pouco.*

O corpo pleno de desejo, corpo iluminado, é entrevisto numa inteireza (“Apenas um corpo”), plenitude da ordem do uno, do equilíbrio, do contínuo. O corpo que nasce reenvia para essa sempre manhã:

*Um novo corpo nasce,
nasce dessa música que não cessa,
desse bosque rumoroso de luz,
debaixo do meu corpo desvelado.*

O primeiro poema de *Até Amanhã* intitula-se “Coração Habitado”. Vou lê-lo:

*Aqui estão as tuas mãos.
São os mais belos sinais da terra.*

*Os anjos nascem aqui:
frescos, matinais, quase de orvalho,
de coração alegre e povoado.*

*Ponho nelas a minha boca,
respiro o sangue, o seu rumor branco,
aqueço-as por dentro, abandonadas
nas minhas, as pequenas mãos do mundo.*

*Alguns pensam que são as mãos de deus
eu sei que são as mãos de um homem,
trêmulas barcaças onde a água,
a tristeza e as quatro estações
penetram, indiferentemente.*

*Não lhes toquem: são amor e bondade.
Mais ainda: cheiram a madressilva.
São o primeiro homem, a primeira mulher.
E amanhece.*

Nos últimos livros torna-se cada vez mais notada a presença da luz. Ao lado de *Até Amanhã* poder-se-á colocar *Branco no Branco* (de 1984), um dos mais belos livros de Eugénio de Andrade. O próprio título aponta para a luminosidade que dele irradiava. Gostaria de pôr o primeiro poema deste livro ao lado do primeiro de *Até Amanhã*, que acabei de ler:

*Faz uma chave, mesmo pequena,
entra na casa.
Consente na doçura, tem dó
da matéria dos sonhos e das aves.*

*Invoca o fogo, a claridade, a música
dos flancos.
Não digas pedra, diz janela.
Não seja como a sombra.*

*Diz homem, diz criança, diz estrela.
Repete as sílabas
onde a luz é feliz e se demora.*

*Volta a dizer: homem, mulher criança.
Onde a beleza é mais nova.*

O poema abre para o horizonte das coisas simples redescobertas. Não é fácil chegar-se à elegância da simplicidade como aquela que encontramos nos versos de Eugénio de Andrade. Escreve num dos poemas em prosa de *Vertentes do Olhar*: "E o princípio são meia dúzia de palavras e uma paixão pelas coisas simples da terra, inexoravelmente soberanas. Essas, onde a luz se refugia, melindrosa. Só elas abrem as portas aos sortilégios, e os sortilé-

gios são diurnos, mesmo quando invocam a noite, e as águas do silêncio, e o indelével tempo sem tempo”.

Gostaria de referir aqui um texto de Vitorino Nemésio algumas vezes citado. Reportando-se ao livro *As Mãos e os Frutos*, o crítico e também poeta, de quem este ano se celebra o centenário do nascimento, escreveu em 1948 as seguintes palavras que ainda hoje ajudam a ler os livros de Eugénio de Andrade:

“O vago, o aéreo desta matéria poética faz impressão. E não é que tal gravidade exclua rigor: antes o vocabulário de Eugénio de Andrade, a sua sintaxe, a sóbria margem do seu metaforismo são instrumentos duma expressão ávida de justeza e de seriedade.”

Mas antes de afirmar isto, Nemésio apresenta algumas palavras absolutamente certas que nos mostram como essa simplicidade não pode ser confundida com um redutor simplismo. Afirma o autor de *Mau Tempo no Canal*:

“Este poeta lê avidamente todos os grandes poetas, inicia-se com método e amor intelectual nas maiores poesias do mundo, explorando-as a ponto de saber a alguns líricos de cor. Estuda, em suma, poesia, no mesmo sentido em que o verdadeiro agrónomo estuda agronomia e o relojoeiro suíço se forma em relógios. Probidade e lirismo não são incompatíveis, valha-nos Deus.”

Dos muitos momentos que tive a sorte de partilhar com o poeta de *Ostinato Rigore*, guardo a memória de um ser desejoso de interlocução e de saber, vivendo a literatura e procurando nela respostas para a avidez de mundo e para a afirmação do seu próprio caminho.

O seu contributo projecta-se no desejo ideal de fazer do mundo o lugar cristalino. No desejo obstinado de conter o mundo no poema. Assim o repete incessantemente. Como algures numa entrevista: “vou morrer a querer que um verso meu contenha a luz do mundo”. Assim nós o lemos e assim lhe agradecemos.

Carlos Mendes de Sousa

